

# **ESCOLHAS LITERÁRIAS DE CRIANÇAS NO CONTEXTO DE UMA BIBLIOTECA PÚBLICA INFANTO-JUVENIL**

ELIANA GUIMARÃES ALMEIDA (UFMG).

## **Resumo**

A necessidade de compreender como se processam as escolhas feitas por crianças em um espaço público de leitura é um dos pontos centrais deste trabalho, que contou com a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aparecida Paiva. A partir da observação das propostas de mediação realizadas em uma biblioteca pública infanto-juvenil de Belo Horizonte, foi realizado um trabalho de monografia, que buscou compreender os caminhos que levam crianças a lerem e a escolherem suas leituras, em um contexto não-escolar, onde, teoricamente, não há obrigatoriedade de leitura. Por meio da observação e de entrevistas semi-estruturadas, foi possível estabelecer algumas relações entre as escolhas das crianças e as mediações da biblioteca e da família. Uma das conclusões a que chegamos é que a família tem forte influência sobre a formação do leitor criança, especialmente em espaços não escolares. Foi possível perceber que crianças são capazes de estabelecer seus próprios critérios de escolha e que esses decorrem geralmente de uma mediação paulatina. O referencial teórico que norteou a investigação foi composto por autores como Antônio Cândido, Regina Zilbermann, Aparecida Paiva, Graça Paulino, Magda Soares, Roger Chartier, Zélia Versiani, Marta Passos, Anne-Marie Chartier, entre outros autores que trabalham especialmente com a temática da leitura literária, a literatura infanto-juvenil, a formação de leitores e outros temas relacionados com a leitura.

## **Palavras-chave:**

leitura literária, literatura infanto-juvenil, biblioteca pública.

## **Introdução**

A idéia de pesquisar o acervo de um espaço público de leitura vincula-se à questão das escolhas de seus usuários. A hipótese que orientou a pesquisa é a de que uma biblioteca pública, não sendo um espaço escolar, apresenta possibilidades de escolhas mais variadas, mais espontâneas e menos direcionadas, requerendo, portanto, uma grande preocupação com relação ao que esses usuários têm à sua disposição no momento da escolha.

O estudo dos usos dos espaços públicos de leitura tem grande relevância na medida em que há uma preocupação com a formação do leitor literário na sociedade. Esses espaços são locais privilegiados de acesso à cultura letrada, sendo de igual importância a mediação da leitura que neles ocorrem. As experiências de leitura literária podem contribuir para uma compreensão mais ampliada da realidade, além de possibilitar um acesso irrestrito a um mundo diferente, mágico, fantástico. Possibilitar esse acesso à imaginação e à criatividade, pode constituir-se em um ponto de partida para uma sociedade em que cada indivíduo tenha sua autonomia, compreenda suas limitações, seus potenciais e perceba diferentes perspectivas de vida.

Cândido (1995) aponta uma série de argumentos acerca da importância da literatura na vida do ser humano, contemplando-a entre as necessidades humanas consideradas como *bens incompressíveis, isto é, os que não podem ser negados a ninguém*, tal como *o alimento, a casa, a roupa* (CÂNDIDO, 1995, p 240). De acordo com o autor, a *literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante* (CÂNDIDO, 1995, p. 249). O autor percebe a literatura como um fator humanizador, pois, segundo ele, ela é capaz de *dar forma aos sentimentos e à visão do mundo*, nos organizando e nos libertando do caos.

A biblioteca escolhida, para a realização desta pesquisa, é um espaço público voltado para a disseminação de tais valores, que tem considerável importância para a formação de leitores dentro da sociedade belo-horizontina e é nesta perspectiva que busco nortear este trabalho. Soares (2004) aponta a questão da leitura relacionando-a com o que ela denomina *democracia cultural*, entendida como *distribuição equitativa de bens simbólicos* (SOARES, 2004, p. 18). A autora estabelece uma série de relações entre leitura e democracia, compreendendo aquela como condição para esta, tendo em vista as várias significações que o termo *leitura* possa assumir, e escolhendo como foco de sua exposição a leitura literária, a *que se faz por prazer, por opção, não por obrigação* (SOARES, 2004, p. 19). Após considerar uma série de fatores, Soares indica, através de dados estatísticos, que a precariedade de bibliotecas públicas e escolares no país, associada a outros elementos, como existência de poucas livrarias para o grande contingente populacional e, acima de tudo, ao preço dos livros, são alguns dos obstáculos para a concretização da democracia cultural no sentido da promoção da leitura. Nesse sentido, o papel da biblioteca pública é de fundamental importância, visto que não é necessária a aquisição dos livros para que sua leitura seja realizada.

Diante do exposto, minha inquietação inicial acerca das escolhas foi ampliada, dando lugar à iniciativa de compreender os caminhos que levam crianças a lerem e a escolherem suas leituras, especialmente escolhas realizadas em contexto não-escolar, onde teoricamente não há obrigatoriedade de leitura.

O que as crianças buscam quando se dirigem à biblioteca, como escolhem o livro, e, principalmente, por que o escolhem, passaram a ser questões centrais desta investigação, tendo em vista, principalmente, o pressuposto de que a pouca maturidade do leitor criança e, portanto, a necessidade de mediações várias poderia ocorrer em um ambiente público de leitura. Perceber em que medida tais mediações podem contribuir para a formação do leitor autônomo, independente, é uma das questões colocadas, considerando que o chamado "gosto" ou "preferência" de cada leitor pode ser resultado de diversos fatores, entre os quais, a mediação ocorrida direta ou indiretamente ao longo de determinado período, ou em determinado espaço. Esse processo é que passou a ser o objeto principal do estudo que ora se concretiza.

## Questões metodológicas

Tendo em vista a subjetividade do ato de escolher um livro, e considerando outros aspectos *que dizem respeito à literatura "geral" - enquanto instituição para a qual os valores são históricos e orientadores das escolhas* (VERSIANI, 2005, p. 21). A observação do espaço constituiu-se em um importante meio de tornar consistente o objeto desta investigação, pois, foi a partir dela que a questão das escolhas foi se tornando o ponto focal da pesquisa. Através da observação e do diálogo com funcionários da Biblioteca estudada, percebemos que a realização de entrevistas e a intervenção direta com crianças que frequentavam regularmente o espaço, seriam os procedimentos mais adequados para a coleta de dados que nos auxiliariam na busca de respostas para as questões que nos colocamos.

Por meio de diálogos estabelecidos junto às bibliotecárias, elaboramos um roteiro que serviu como orientador da entrevista com as crianças. O roteiro possui 6 questões e foi dividido em duas partes: na primeira parte, a intenção era obter informações relacionadas ao leitor, sua apropriação e uso do espaço da biblioteca. Já na segunda parte, o objetivo era compreender o que a criança entende por livro de literatura, e o que ela leva em consideração no momento da escolha. Por meio do diálogo orientado pelo roteiro mencionado, juntamente com a situação de escolha, realizada no final da entrevista, obtivemos dados significativos para a posterior análise dos dados. Após responder aos itens 1 a 5 do questionário, foram disponibilizados vinte livros em uma mesa, para que a criança realizasse a escolha sem nenhuma intervenção.

A situação de escolha foi realizada pela disposição de 20 livros entre os quais a criança deveria escolher um ou dois, o que nos permitiu compreender aspectos mais específicos relacionados aos critérios das crianças, os quais não seriam obtidos de forma verbal, considerando a faixa etária envolvida. O limite mínimo instituído, de 7 anos, corresponde à idade em que se supõe uma criança já alfabetizada, capaz de realizar a própria leitura do livro; e o limite máximo de 11 anos, considerou que, nessa faixa etária, a criança já tende a buscar a literatura juvenil, que extrapolava o foco dessa investigação. Dez crianças foram pesquisadas, número considerado suficiente, por representar bem o conjunto dos leitores observados no período. Além disso, atribuímos maior relevância ao conteúdo das informações que em sua quantidade.

O período eleito para a coleta de dados - período de férias - está envolto na questão da leitura por lazer, por prazer, que se faz fora das paredes da escola, conforme apresentado por Soares (2001), que assim caracteriza o ato de "ler por ler". De acordo com a autora, a leitura no contexto escolar é sempre avaliada de alguma forma. Daí nossa preocupação em realizar a pesquisa fora do período letivo, em talvez, a criança pudesse ser levada à biblioteca pública pela necessidade de ler livros para a realização de provas e trabalhos escolares. Assim, o que se supõe de uma criança que se dirige à biblioteca pública, no período de férias, é certa autonomia em relação à leitura escolarizada, obrigatória. Embora tenhamos convicção de que as mediações realizadas na escola sejam necessárias e

importantíssimas, que possam e devam ultrapassar os seus limites físicos e temporais, nosso interesse com esse trabalho é entender o processo de formação do leitor para além dos muros da escola.

### **As estratégias de promoção da leitura literária na Biblioteca estudada**

A biblioteca escolhida para a realização do estudo tem como foco a promoção da leitura literária, e, para tal, dispõe de um corpo de profissionais qualificados que demonstrou grande interesse em que seja cumprida esta atribuição do espaço. Desde estratégias mais simples, como a existência de um mural de leituras recomendadas, até a realização de peças teatrais para atrair o público infantil, o grupo não mede esforços para agradar os pequenos leitores, ampliando, assim, a probabilidade de que se tornam frequentadores cada vez mais assíduos.

Assim, os meios pelos quais a biblioteca busca atingir seu objetivo, são: o mural de leituras recomendadas, já mencionado; a estante de novas aquisições, que mantém o leitor informado acerca das novidades; a distribuição aleatória de livros pelas mesas da biblioteca, que permitem ao leitor entrar em contato mais próximo com uma grande diversidade de títulos; a disponibilidade dos funcionários em ajudar os leitores na busca direta nas prateleiras, que propicia maior familiaridade do leitor com o ambiente, assim como também a própria altura das estantes, que é condizente com o pequeno leitor, e eventos especiais como oficinas, contação de histórias e encontros com escritores, todos muito apreciados pelas crianças.

### **O leitor criança e suas escolhas**

A escolha de livros de literatura é uma atividade complexa que envolve preferências, mediações, experiências anteriores, contexto, enfim um universo de fatores, que relacionados ao que se deseja escolher, culminam em um determinado resultado. A escolha de um livro nunca é baseada em um único critério, havendo instâncias diversas que, de maneira direta ou indireta, podem afetar o resultado do processo, especialmente quando se tem uma infinidade de opções.

Para se discutir acerca da complexidade do ato de escolher um livro de literatura, apresentam-se algumas questões que podem surpreender um leitor adulto - que se supõe experiente: O que escolher? Por quê? Como? Em presença dessas questões, o leitor possivelmente irá lançar mão de um conjunto de fatores para realizar a escolha de um ou mais livros, tendo em vista a impossibilidade de ler todos ao mesmo tempo, havendo, assim a necessidade de se priorizar a leitura de alguns em detrimento de outros. Certamente o que já foi lido anteriormente poderá permear a nova escolha, assim como a escolha atual poderá determinar as futuras. Outra possibilidade é seguir o apelo da publicidade, tão presente em nosso cotidiano, através da internet, da televisão, dos panfletos e catálogos de editoras, entre

outros meios comerciais de se atingir o potencial consumidor de livros. Além disso, há as recomendações de leitores mais experientes, e ainda a inclinação de cada um para certos estilos, autores, gêneros, etc.

Dos 20 livros disponibilizados para as crianças, apenas 8 figuram na lista de livros escolhidos pelas crianças durante a situação de escolha. Por que esses oito foram escolhidos e não outros? Os livros escolhidos são aqueles que atraem a criança seja pela capa, pela facilidade de leitura - tamanho da letra ou quantidade de páginas - ou mesmo pela ressonância de certos autores e ilustradores já conhecidos das crianças. Dos oito títulos que constam na representação das escolhas, 7 já foram premiados e apenas um não recebeu nenhum prêmio. Esse fato indica que os critérios usados pela crítica literária são, de certa forma, compatíveis com as aspirações infantis.

Por outro lado, temos o conjunto de livros não escolhidos por nenhuma criança e que também passaram pela crítica, receberam prêmios e, no entanto, não atraíram o leitor no momento dessa escolha. Evidentemente que levamos em consideração o número de crianças entrevistadas (10), o perfil (predominantemente feminino), a faixa etária (7 a 11 anos), entre outros fatores ligados à subjetividade própria do ser humano.

### **Algumas considerações**

Não há como falar de escolhas sem falar de acervo, de formação de leitores, e não se pode discutir formação de leitores sem mencionar mediação, recepção. O que pudemos perceber com esta pesquisa é que a rede de relações que envolvem a literatura infantil torna-se bastante ampliada na medida em que damos voz às crianças, em que lhes é permitido falar, manifestar suas preferências acerca do que interessa a elas próprias - o livro infantil e juvenil.

A questão da disponibilidade de livros presentes nas prateleiras do espaço foi uma das primeiras curiosidades surgidas a respeito da organização do acervo da biblioteca. Ao longo das observações, pudemos notar uma organização que privilegia o acesso ao livro pela própria criança, através da disposição de livros sobre as mesas, ou até mesmo pelo modo de distribuição nas prateleiras, onde os livros literários são em sua maioria agrupados por autor, além do já mencionado destaque dispensado às novas aquisições. Também a informatização facilita o trabalho do leitor, pois funciona a partir de pesquisa por palavras-chave, além da solicitude dos funcionários que é notável, pois, sempre que são demandados pelos usuários, demonstram disponibilidade no atendimento ao acesso ao acervo literário da biblioteca.

Considerando que houve momentos na história das bibliotecas em que a guarda e preservação de livros foram priorizadas, conforme relatado por Battles (2003), em detrimento do acesso e possibilidade de uso efetivo, como percebemos na biblioteca estudada, entendemos que o papel que esse espaço cumpre hoje é de grande importância para a iniciação da *democracia cultural* apontada por Soares (2004). No entanto, acreditamos que para a plena concretização dessa democratização é preciso uma maior valorização do espaço pela própria sociedade, pelas autoridades competentes, e principalmente, uma maior divulgação do espaço e de seus eventos, visto que diante do contingente populacional da capital mineira, a circulação de usuários observada durante o período pode ser considerada pequena. A visitação escolar é uma das maneiras que a biblioteca dispõe de apresentar-se ao público, embora não consiga atingir grandes proporções, pela grande demanda das escolas e até mesmo pela limitação de espaço e de tempo.

O potencial de mediação da leitura na biblioteca observada foi um dos focos de nosso interesse desde o princípio, especialmente, por se tratar de local não escolar, e que, permite possibilidades de escolhas supostamente menos direcionadas, conforme nossa hipótese inicial. Para isso, durante as observações, houve atenção especial voltada para cada situação de mediação possível feita por funcionários da biblioteca. O que pudemos perceber é que na verdade, embora não haja a chamada obrigatoriedade de leitura e direcionamento explícitos, geralmente promovidos pela escola, há grande influência por parte da família.

Chartier (2005) questiona se *as finalidades da literatura infanto-juvenil são as mesmas quando ela é utilizada no espaço público e no espaço privado das famílias* (CHARTIER, 2005, p. 128). Ela discute ainda se os usos que desejamos encorajar podem ser os mesmos em diferentes espaços de leitura, como o comercial - das livrarias e editoras, os públicos - das bibliotecas e das escolas, afirmando que *as perspectivas nesses diferentes espaços se sobrepõem, mas não podem e não devem ser confundidas.* (*idem*). Assim, temos a Biblioteca pública, com o objetivo de promover a disseminação do prazer da leitura, de seduzir o leitor através dos vários eventos, como o teatro de fantoches, contação de histórias, músicas, peças teatrais, rodas de conversa, entre outros. Além disso, temos a família, muitas vezes preocupada com a formação do leitor, mais pelo valor social atribuído às pessoas que lêem muito, do que pelo valor estético da literatura.

Segundo a autora, houve por muito tempo uma certeza entre pais, professores, bibliotecários e os próprios alunos que relacionavam *o fato de gostar de ler e o fato de ser reconhecido como bom aluno no âmbito escola* (CHARTIER, 2005, p. 136). Para ela, *parecia normal estabelecer uma relação natural entre o fato de conduzir o aluno ao sucesso e o fato de encorajá-lo a ler* (*idem*). A partir de uma série de exemplos apresentados em pesquisas realizadas na França, que dissociam o gosto pela leitura do sucesso escolar, a autora sustenta que *no lugar de medir quanto se lê, em termos estritamente quantitativos, se interessa pelo conteúdo das leituras.* (CHARTIER, 2005, p. 138).

Tendo em vista a faixa etária do leitor investigado, um leitor que precisa ser levado à biblioteca, percebe-se que há uma relação de dependência direta entre a criança e os interesses da família. Diante de algumas intervenções familiares observadas, acreditamos que é preciso dar complemento ao termo "formação de leitor", tal como Soares (2005, p. 31) afirma que precisamos *dar complemento ao verbo ler*, isto é: queremos mesmo formar leitores literários ou queremos formar leitores que sejam competentes na escola? Não estamos com isso desconsiderando ou desmerecendo a importância da família para o processo de formação do leitor literário na infância - sabemos que esse trecho poderia ser assim interpretado - ao contrário, estamos apontando fatores que possam potencializar essa grande capacidade formadora dentro do ambiente familiar e possam facilitar diálogos entre a família e os espaços institucionalmente responsáveis pela disseminação da leitura.

Diante dos contrapontos expostos, há que se refletir ainda sobre mais uma questão: em que medida uma criança é capaz de eleger autonomamente um livro literário, levando em consideração toda a complexidade envolvida nesse processo? No momento em que se põe em pauta a questão das escolhas infantis, o que se busca analisar é quais princípios norteiam tal escolha. Seriam os mesmos critérios usados pelo adulto? Anne-Marie Chartier, em discussão acerca da formação do leitor pela via da literatura infanto-juvenil, faz referência à formação do gosto culinário dos franceses, e afirma que *formar o gosto (...) é um verdadeiro aprendizado cultural*, que, de acordo com ela, leva tempo (Chartier, 2005, p.129). A metáfora usada pela autora é bastante pertinente, especialmente, se ponderarmos a quantidade de livros produzidos com o único intuito de serem vendidos, que possuem o que a autora chama de *gosto sem surpresa*, para retomar a metáfora usada por ela. Dessa forma, há que se considerar o refinamento do gosto pela literatura, através de mediações que são feitas dia após dia, livro após livro, quase que por imersão.

Contudo, as falas das crianças nos mostram a capacidade das mesmas de se posicionarem diante das opções que muitas vezes lhes são impostas. Ao contrário do que se possa supor, uma criança pode ter sim competência suficiente para escolher bons livros de literatura e inclusive argumentar e defender sua escolha. Percebemos que, ainda que a criança não tenha critérios claros de escolha e não consiga expressar em palavras sua opinião acerca de determinada obra, ela escolhe o que quer ler, ou seja, não lê de maneira aleatória tudo o que é posto diante dela. Conforme afirma Versiani (2005):

*O ato de selecionar, que pressupõe escolher e julgar, se apresenta para leitores de livros que não lêem indiscriminadamente tudo que a biblioteca lhes oferece, mas separam e criticam mesmo que por vias incertas. Assim, não só repertórios se ampliam como também modos de apropriação do mundo da escrita, para os quais a capacidade seletiva torna-se mais flagrantemente importante para a formação de leitores, no sentido pleno do termo. (VERSIANI, 2005, p. 22).*

Um dos fatores fundamentais para a definição dos critérios de escolhas, apontado por Versiani, é a "biblioteca íntima" de cada um. Ao observar os discursos da criança em destaque - que serve como um bom exemplo de uma mediação bem-sucedida - é possível perceber claramente que as leituras anteriores permeiam o

tempo todo as escolhas de leituras futuras. Bibliotecas íntimas, assim como outras bibliotecas, iniciam-se geralmente a partir de um pequeno acervo, que pode ser ampliado, modificado, renovado, enfim, pode criar sua própria identidade. Como ocorre na maioria das bibliotecas, o acervo é composto de acordo com o público ao qual atende (LEMOS, 2005, p. 114). Em uma biblioteca íntima, um único usuário determina a demanda para a composição de seu acervo, mas, para isso, precisa se deparar com situações que propiciem tal demanda - daí decorre a necessidade de haver um bom mediador para que seja dado o "pontapé" inicial na constituição dessa biblioteca.

Constatamos que a formação de um leitor competente, geralmente decorre de mediação igualmente competente. Verificamos que um espaço de leitura, por mais que se esforce, não dará conta da totalidade do processo, uma vez que a família, a escola e a mídia exercem grande influência sobre as preferências das crianças no momento de escolher um objeto de lazer.

No entanto, compreendemos que, havendo uma parceria adequada entre os agentes mediadores da biblioteca e os da família, é possível formar um leitor literário, tal como demonstramos através da leitora em destaque, que já constituiu seu acervo inicial, e que busca ampliá-lo com a ajuda da biblioteca e certamente buscará outras fontes de ampliação de seu repertório. Através de discursos, provavelmente apropriados por ela, a partir das falas de outras pessoas, ela realiza suas escolhas, constrói seu juízo crítico e demonstra que estes critérios não se formam por si só, que eles precisam ser trabalhados lentamente.

Talvez este seja um dos grandes desafios impostos a bibliotecários e educadores da atualidade: estabelecer um vínculo eficaz com a família de modo a propiciar o exercício pleno do direito à literatura, o uso efetivo de espaços sociais próprios para a disseminação da cultura letrada, o estabelecimento de uma comunidade de leitores críticos e cada vez mais aptos a realizar suas próprias escolhas espontaneamente com autonomia, propriedade e competência.

## **Referências bibliográficas**

BATTLES, Mathew. *A conturbada história das bibliotecas*. Tradução: João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, Antônio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995.

CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega (org.). *Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa: 50 anos de cultura*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais/ Superintendência de Bibliotecas públicas, 2006.

CHARTIER, Anne-Marie. Que leitores queremos formar com a literatura infanto-juvenil? In: PAIVA, Aparecida *et. al.* (orgs.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale ; Autêntica, 2005.

COSTA, Américo de Oliveira. *A biblioteca e seus habitantes*. Rio de Janeiro, Achiamé/Fundação José Augusto, de Natal, RN, 1982.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca. In: *Presença Pedagógica*. v.4 n.24 nov./dez. 1998.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Biblioteca Pública : princípios e diretrizes*. Coordenadoria do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. de Processos Técnicos, 2000. Disponível em: <http://consorcio.bn.br/consorcio/manuais.htm> acesso em 29 de agosto de 2007.

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. Bibliotecas. In: CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra (orgs.) *Introdução às fontes de informação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005. Coleção ciência da informação.

MACHADO, Maria Zélia Versiani; PAULINO, Maria das Graças Rodrigues. *A literatura e suas apropriações por leitores jovens*. Tese (doutorado). Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação - Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

PAIVA, Aparecida. Grupo de Pesquisa do Letramento Literário: uma trajetória em construção. In: PAIVA, Aparecida *et al.* (orgs.). *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PAULINO, Maria das Graças Rodrigues. Algumas especificidades da leitura literária. In: PAIVA, Aparecida *et. al.* (orgs.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale ; Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. Livros, críticos, leitores: trânsitos de uma ética. *In: PAIVA, Aparecida et. al. (orgs.). Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - O jogo do livro.* Belo Horizonte: Autêntica/Ceale/FaE/UFMG, 2005.

SANDRONI, Laura. A importância de ler. *In: Releitura*, Belo Horizonte, nº 20, p. 4-5. Jan/2007.

SILVEIRA, Júlio; RIBAS, Martha *et.al.* *A paixão pelos livros.* Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2004.

SOARES, Magda. Leitura e democracia cultural. *In: PAIVA, Aparecida et al. (orgs.). Democratizando a leitura: pesquisas e práticas.* Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VERSIANI, Zélia. As escolhas literárias e julgamento de valor por leitores jovens. *In: PAIVA, Aparecida et. al. (orgs.). Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - O jogo do livro.* Belo Horizonte: Autêntica/Ceale/FaE/UFMG, 2005.

ZILBERMAN, Regina. Letramento literário: não ao texto, sim ao livro. *In: PAIVA, Aparecida et. al. (orgs.). Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - O jogo do livro.* Belo Horizonte: Autêntica/Ceale/FaE/UFMG, 2005.